

# Quando o diabo nos faz rir: paródias e transmutações arquetípicas da série Lucifer

**Robéria Nádia Araújo Nascimento  
Valtyenny Campos Pires**

## **Resumo**

*O texto expõe os resultados de uma pesquisa que analisou a Primeira e a Segunda Temporadas da série americana Lucifer, dirigida por Len Wiseman e escrita por Tom Kapinos. O objetivo foi compreender as simbologias e os arquétipos em torno do diabo disseminados no imaginário cultural (DURAND, 2002) através das representações populares (CHARTIER, 2002). Do ponto de vista metodológico, a realização de um Grupo Focal (COSTA, 2005) expandiu as impressões obtidas na Análise Narrativa (MOTTA, 2013) a fim de avaliar a percepção dos espectadores sobre os mitos cristãos reproduzidos na série. A observação dos episódios sinalizou que a imagem do diabo é desconstruída por paródias e paráfrases humorísticas (NOGUEIRA, 2010), nas quais o sarcasmo e o viés da ironia acentuam a complexidade narrativa (MITTEL, 2012). Quanto à apropriação estética, o protagonista aparece como um ser belo, dotado de personalidade sensível, contrariando os signos e os estereótipos comuns às identificações culturais (HALL, 2004) relativas ao diabo. Tais artifícios corroboram um processo narrativo não linear que embaralha as características da vilania e concede carisma ao anti-herói. Nesse sentido, a série subverte os códigos sociais compartilhados sobre a figura do diabo apelando à sensorialidade contraditória do gênero ficção, tanto no viés discursivo quanto no imagético.*

**Palavras-chave:** *Ficção Seriada. Complexidade Narrativa. Imaginário Cultural. Paródias.*



## Introdução

Ao longo dos tempos, a figura mítica do diabo é constituída por mitos e arquétipos decorrentes dos escritos de cunho religioso que passaram a circular nas sociedades, corroborando a ideia de que a historicidade e a cultura são as instâncias que viabilizam a criação e transformação dos signos sociais. Construções arquetípicas, por sua vez, implicam referências e modelos primordiais, presentes em nosso imaginário, que explicam histórias passadas, vividas por outras gerações. Nesse contexto, os signos culturais são forjados pelos arquétipos na configuração dos mitos que se padronizam para a difusão de crenças e saberes. Entre eles, encontramos os temores populares sobre o diabo, um personagem que desafia o imaginário coletivo (DURAND, 2002).

Esse pano de fundo reproduz a atmosfera percebida na investigação<sup>1</sup> que fundamenta o presente artigo. A análise de duas temporadas da série *Lucifer* sinalizou que as representações (CHARTIER, 2002) em torno do senhor das trevas permeiam o referido conteúdo ficcional e reverberam nas visões dos espectadores. Vale salientar que as ideias e imagens sobre o personagem-título derivam do imaginário cristão, uma vez que nos textos bíblicos tal figura é cercada por tabus, responsabilizada por desvirtuar os indivíduos dos princípios do bem. Contudo, Magalhães *et al.* (2012) ressaltam que a influência demoníaca nas sociedades é temida, mas, também, tradicionalmente cultivada e interpretada na história das religiões, gerando relatos místicos que propagam as façanhas e o poder do mal junto à humanidade.

---

1 Desenvolvida no Curso de Jornalismo e intitulada “Narrativas místicas: ressonâncias, simbologias e arquétipos da série *Lucifer*” (PIBIC/UEPB/CNPq 2018/2019). A quarta temporada é atualmente produzida pela Netflix.

Pelas razões expostas, a temática do demoníaco e suas diversas representações são constantemente retomadas, reescritas, ampliadas ou reinventadas através da criatividade popular em diferentes narrativas da ficção: “Se as figuras do diabo, de satanás, são figuras tradicionalmente religiosas, em grande parte, cultivadas e interpretadas na história das religiões, o demoníaco, por sua vez, estabelece uma fronteira criativa com as figurações do mal” (MAGALHÃES *et al.*, 2012, p. 12).

Nessa linha de raciocínio, Velho (2003) acrescenta que, no contexto nacional, o interesse e a curiosidade pelo invisível transcendem as diferentes formas de religião, pois, “dentro da sociedade brasileira, e em sua diversidade de credos, existe uma ordem de significados que gira em torno da crença dos poderes sobrenaturais, num fascínio que avança de modo expressivo” (VELHO, 2003, p. 56). Como consequência, as simbologias, os personagens e os mistérios das crenças são replicados e se mantêm vivos, porque permanecem imbricados na cultura popular alargando o trânsito de novos significados em torno de suas proezas, bem como expandindo sincretismos e intertextualidades.

É provável que a mistura desses elementos sinalize a complexidade narrativa (MITTEL, 2012) da série, cuja transgressão registra uma ruptura de “protocolo” acerca de um enredo previsível no que tange à identidade do personagem-título. Nessa versão, as possibilidades diabólicas do anjo do mal surgem em decorrência da sua queda do inferno para a terra, e não do céu, como relatam as escrituras bíblicas. Ao desconstruir os arquétipos religiosos, a produção oferece interessantes questões aos espectadores: o diabo estaria entre nós? Ou a terra seria, metaforicamente, uma nova “representação do inferno”? Assim, a figura do mal parece se colocar na série como pres-

suposto para uma reflexão em torno das tentações/perdições sofridas pela humanidade nas suas trajetórias cotidianas, mostrando que o bem e o mal possuem fronteiras frágeis e tênues.

O título da produção indica nítidos referenciais de intersecção com a figura de Satã que mobilizam o imaginário coletivo, sugerindo outras indagações: Seria uma narrativa sobre os (e) feitos diabólicos ou suas possessões? Discutiria os pactos com a entidade, em troca de dinheiro ou sucesso, como é registrado nos antigos contos de suspense sobrenatural? Ou abordaria a influência do diabo na terra, afetando os comportamentos e atitudes? Aos poucos, tais questões vão se desenrolando na teia da ficção, através do recurso da paródia, que é adotado para ironizar o vilão mais emblemático de que se tem notícia, uma vez que, na série, o diabo luta contra a violência na pele de um investigador policial. Como o ser diabólico “em pessoa” poderia combater o mal na sociedade? Para que brincar com os poderes atribuídos ao diabo? Enfim, como a produção americana desenha e constrói seu argumento em torno da figura mítico-cristã mais temida?

Para a articulação deste texto, definimos como embasamento conceitual as noções de ficção seriada e de imaginário cultural, da comédia e suas configurações (NOGUEIRA, 2010), notabilizando ainda as características das narrativas complexas (MITTEL, 2012), a fim de compreender as interlocuções dos espectadores pesquisados.

## **Percurso metodológico**

Dois momentos possibilitaram o estudo e a observação criteriosa da série. No primeiro, ocorreu a Análise de Narrativas (MOTTA, 2013), e o segundo foi marcado pela articulação de um grupo

focal (COSTA, 2005). O processo de análise dos episódios dependeu de uma seleção crítica das temáticas abordadas para ser possível salientar os significados relacionais sugeridos pelas circunstâncias e peculiaridades narrativas.

Para a verificação dos arquétipos, mitos e simbologias, foi observado o cruzamento dos elementos simbólicos presentes nos episódios para que, posteriormente, esses fossem exibidos ao grupo focal para nortear as discussões sobre o conteúdo. O estudo da construção simbólica ficcional adotada nos episódios auxiliou a percepção das subjetividades e sensorialidades da trama favorecendo os recortes e o subsequente debate em torno da narrativa, no qual foi evidenciado o recurso da comédia e das paráfrases, bem como destacadas as ressignificações em torno do personagem-título.

Nesses termos, foram sistematizados os seguintes procedimentos de análise:

1. Identificação do título dos episódios com a síntese do tema central desenvolvido e a transcrição do diálogo dos personagens;
2. Apresentação das nuances de paródia ou de paráfrase nos diálogos e/ou situações representadas no gênero comédia;
3. Citação dos arquétipos e das simbologias que permeiam a imagem do personagem Lucifer no imaginário coletivo/cultural (DURAND, 2002);
4. Descrição das ambiências que auxiliam a compreensão dos diálogos selecionados.

Seguindo os pressupostos teóricos de Martín-Barbero (2009), que nos sugere atrelar a teoria à empiria nas pesquisas sobre teleficcões, foi organizado um grupo focal para compreendermos os significados sugeridos pela série. Essa metodologia propicia a percepção

do produto ficcional, junto à audiência selecionada, possibilitando um “reordenamento dos sentidos da cultura” evocados pela narrativa.

O contato com os espectadores favorece a observação da ressonância do produto em análise. Dessa forma, alguns episódios foram exibidos e colocados em discussão no intuito de repercutir as apropriações dos mitos cristãos, as proposições do enredo e as especificidades das paródias realizadas pela produção americana. Nessa perspectiva, o grupo focal é um recurso acionado para produzir uma nova leitura do audiovisual, capaz de sugerir os “usos sociais” (MARTÍN-BARBERO, 2009) do produto ficcional em estudo através dos significados compartilhados nas interlocuções.

Para Costa (2005), o grupo focal configura uma ferramenta de pesquisa qualitativa e empírica que “auxilia a identificar temáticas, tendências e o foco dos fenômenos; a desvendar problemas, ampliando a consciência do que se investiga” (COSTA, 2005, p.180). Com essa finalidade, promove-se um diálogo com o tema de investigação numa aproximação às percepções valorativas dos participantes.

Tendo em vista a caracterização teórico-metodológica apresentada, a organização do grupo focal obedeceu aos seguintes critérios: a) O planejamento (definição do ambiente de reunião e preparação do roteiro de questões que seria encaminhado ao grupo); b) A definição do público participante (escolha dos sujeitos pesquisados e a explicação dos propósitos do estudo); c) A organização do roteiro-base (seleção dos questionamentos que norteariam o processo e a definição de sua aplicabilidade); d) A realização da reunião (em dia e hora combinados com os participantes), solicitando-se, anteriormente, autorização para a gravação do debate e a respectiva coleta das informações, de modo a subsidiar o registro e a posterior citação na etapa concernente aos resultados da pesquisa.

O grupo focal foi constituído por 15 jovens, estudantes do Curso de Jornalismo, que consomem ficção seriada como opção de entretenimento (mas não, necessariamente, espectadores de *Lucifer*, conforme previsto no projeto de pesquisa que originou o estudo). O encontro ocorreu no dia 5 de junho de 2019, às 20 horas, mediado pela professora orientadora e a aluna-bolsista, que atuaram como moderadoras da discussão, a fim de facilitar as intervenções do grupo.

Os participantes assinaram um Termo de Livre Consentimento para autorização de fala e imagem. Ficou acordado, na ocasião, que seriam tratados na análise pelo primeiro nome, para fins de preservação de privacidade, evitando-se, desse modo, quaisquer transtornos de ordem ética na publicação dos resultados. O início da reunião foi marcado por uma breve apresentação da série. Na sequência, os episódios selecionados, cujas cenas e fragmentos foram definidos na Análise Narrativa (MOTTA, 2013), foram exibidos considerando-se os conteúdos místicos e/ou sobrenaturais presentes.

Após a exibição, foram solicitadas as respostas das questões, no intuito de que os participantes pudessem manifestar, também por escrito, suas impressões. Tais procedimentos foram pensados para permitir a avaliação da compreensão narrativa e sua ressonância junto aos espectadores.

## **O diabo na terra: fragmentos do contexto ficcional**

A narrativa se inicia com Lucifer Morningstar (Tom Ellis) entediado e infeliz no inferno, o que o faz renunciar ao seu trono e optar pela terra, especificamente por Los Angeles, Califórnia, nos EUA. Na cidade frenética, ele planeja um período de férias, mas prolonga



sua estadia e se torna um empresário da noite, famoso e bem sucedido, ao abrir o Piano-Bar Lux, com a ajuda de uma aliada demoníaca feroz, chamada Mazikeen (Lesley-Ann Brandt), que também assume a forma humana e o acompanha nas aventuras na terra. Os signos do poder e da beleza logo transformam o suposto empresário em objeto de assédio sexual.

Contudo, esse padrão é desafiado pela detetive de homicídios da LAPD Chloe Dancer (Lauren German), que sente tanto repulsa quanto fascínio por Lucifer, mas resiste a um envolvimento passional com o homem misterioso, quando este passa a integrar o departamento de polícia local no combate aos crimes e na punição dos culpados. Os métodos de investigação do estranho recém-chegado são pouco ortodoxos e as suas habilidades de defesa pessoal surpreendem, atreladas a uma inteligência sofisticada e um raciocínio sarcástico.



FIGURA 1: Apresentação da série *Lucifer*  
Fonte: *Frame* da série

Em razão dos limites deste artigo, elegemos uma amostra de três episódios da primeira temporada e uma da segunda. Os fragmen-

tos enfatizam os estereótipos sobre o personagem-título, partindo da queda no abismo infernal como símbolo de perdição e tentação, ao mesmo tempo em que se referem às consequências das “quedas morais” dos personagens em busca do conhecimento de si.

No episódio 1, intitulado *Piloto*, Lucifer dirige em alta velocidade pelas ruas de Los Angeles quando é abordado por um policial:

Policial: - Desligue a música.

Lucifer: - Desculpe! [Abaixa o som do carro].

Policial: - Sabe por quê parei você?

Lucifer: - Óbvio que precisou exercer seus poderes limitados e me parou por ignorar o limite da velocidade. Tudo bem, eu entendo! Eu também gosto de punir as pessoas!

Policial: Documentos e habilitação.

Lucifer: Agora mesmo. [Pega o dinheiro da carteira e começa a contar] Policial: - Está tentando me subornar, senhor?

Lucifer: - É claro! Não é o bastante? Pegue mais, é só dinheiro!

Policial: - Isso é ilegal, senhor.

Lucifer: - Vocês são divertidos com suas leis, não é? Por vezes você quebra as leis, não é? [Lucifer olha fixamente para o rosto do policial utilizando-se do seu poder de persuasão sobrenatural para extrair a verdade do homem].

Policial: - Por vezes ligo a sirene sem motivo, dirijo muito rápido só porque eu posso!

Lucifer: - Certo, por que não? É divertido. É legal se safar de algo, não é?

Policial: Sim. [O homem volta a si e seu rosto transparece incredulidade sobre o que acaba de dizer].

Lucifer: - Tudo bem, policial. As pessoas gostam de contar-me as coisas, esses desejos profundos, impertinentes, escuros, que estão em sua mente. É um dom! [Fala com ironia].

Percebemos que, apesar de Lucifer utilizar seus “poderes” para que o policial confesse pensamentos secretos, isso causa no homem uma reflexão sobre sua própria honestidade. Com tal ação, o protagonista evidencia as tentações que cercam o cotidiano policial,

chamando atenção também para a autoridade (ou o abuso de autoridade) de determinadas profissões.



**FIGURA 2:** Lucifer subornando o policial  
Fonte: *Frame* da série

Ainda nesse episódio, Mazikeen questiona o comportamento de Lucifer, indagando o porquê da sua mudança desde que chegaram a Los Angeles. Os dois estão no bar, tomando drinques, quando Mazikeen olha para Lucifer com desconfiança, parecendo não o reconhecer em razão dos seus repentinos atos de “bondade”. Quem haveria de dizer que o diabo poderia ter alguma sensação de empatia com a humanidade? Isso aparece no diálogo a seguir:

Lucifer: - Sinto sua reprovação, Mazi, o que é?

Mazikeen: - Só não consigo entender por que você salvaria uma vida humana.

Lucifer: - Há algo diferente nela que não entendo mesmo e isso me irrita. [Diz em relação a detetive Chloe. Parece refletir].

Mazikeen: - Talvez não seja ela que está diferente.

Lucifer: - É aqui que eu deveria perguntar: o que você quer dizer?

Mazikeen: (Irritada!) - Preocupa-me que os humanos estão contagiando você. Pare de se importar! Você é o diabo!

Lucifer: - Sim, eu sou! [Nesse momento, olha para o copo, entristecido, e dá um gole na bebida, ad-

mitindo sua existência, ainda que o comportamento de bondade seja incompatível com as maldades atribuídas ao diabo].

No episódio 2, intitulado *Fica, Lucifer. Bom Diabo*, um padre caricato discursa com o auxílio de um microfone nas ruas de Los Angeles. Ele alega que se as pessoas não se arrependem dos seus pecados, vão para o inferno, porque o fim dos tempos se aproxima. Embora essa prática ainda seja utilizada por Igrejas, principalmente evangélicas, a Igreja Católica, na Idade Média, para alcançar esse mesmo objetivo, adotava as indulgências, o perdão ou atenuação da gravidade de faltas e dívidas entre os fiéis. Os pecadores garantiam um espaço no céu pela reparação do mal praticado por meio de orações, esmolas e jejuns. Assim, através desse episódio, a série faz uma paródia da conhecida tradição religiosa do arrependimento (DURAND, 2001).

Padre: - Salve a sua alma! Depende de você! Arrependa-se! Arrependa-se de seus pecados antes que seja tarde! É o fim dos tempos! O diabo está entre nós! (Grita para as pessoas que passavam pelo local).

Lucifer: - Padre, você não sabe o quanto está certo [Sorri ironicamente!]. Mas não há com o que se preocupar. Aproveite a vida!

Padre: - Você já viu o rosto do diabo?

Lucifer brinca: - Toda manhã no espelho, camarada! [Sorri].

Padre: - Exatamente. Ele está em todos nós. Em cada momento nosso de fraqueza. Veja o mundo, o pecado, a luxúria, tudo obra do diabo!

Lucifer: [Finge se ofender, mas, na verdade, se diverte!] - Não, não me dê crédito por tudo isso... Vocês humanos se saem muito bem sozinhos!



FIGURA 3: Padre conversando com Lucifer  
Fonte: *Frame* da série

A analogia construída pelo protagonista permite a reflexão sobre a condição humana apesar do tom de humor mobilizado no diálogo. Para Nogueira (2010), a comédia é um gênero narrativo que mantém sua intencionalidade discursiva, pois há pretensão de interpelação do espectador, parodiando o sentido convencional do discurso, na tentativa de inverter as suas convicções e despertar atenção através da invocação do riso.

No episódio 3, intitulado *O quase príncipe das trevas*, observamos Lucifer em terapia com a psicóloga Linda, profissional que lhe ajuda a entender suas mudanças desde a chegada em Los Angeles. Uma dessas mudanças é o exercício da punição, uma tarefa encarregada por Deus ao diabo, segundo as escrituras sagradas. Ferraz (2012) assinala que as representações do diabo na sociedade são múltiplas, num verdadeiro mosaico de citações, um caleidoscópio no qual histórias, tradições e textos se misturam a outros textos, oriundos de mil lugares e culturas diferentes. Portanto, é preciso avaliar as referências, seus pontos de intersecção e de contaminação, algo que é muito presente na narrativa da série: “O intertexto da ficção com o personagem pode

ocorrer por meio de epígrafes, paráfrases, citações, paródias, pastiches, etc. A tradição é retomada, exaltada, relativizada e, por vezes, até negada” (FERRAZ, 2012, p. 16). Vejamos o fragmento:

Lucifer: - Decidi não punir a mim mesmo.  
Linda: - A si mesmo?  
Lucifer: - Meu falso eu. A pessoa que sequestrei. Decidi não espancá-lo. Você estava certa. Eu estava... qual é a palavra?  
Linda: - Transferência?  
Lucifer: - Transferindo a raiva e a frustração no Lucifer falso, porque não puniram o responsável pela morte de Ali.  
Linda: - E quem era a pessoa certa?  
Lucifer: - O agente desprezível, claro.  
Linda: - De todas as cidades do mundo, Lucifer, por que você decidiu vir para Los Angeles?  
Lucifer: - Pela mesma razão dos outros. O clima, as estrelas pornográficas, a comida mexicana...  
Linda: - Você diz que as pessoas são falsas aqui, mas acho que elas vêm aqui para se reinventarem, e acho que é por isso que você está aqui. Para se reinventar.  
Lucifer: - Por que eu mexeria com a perfeição?  
Linda: - Você gosta de trabalhar com a detetive, não é?  
Lucifer: - Eu já disse, sou bom em punir pessoas. Não, sou o melhor em punir pessoas más. Não gostava quando o pai me forçava, mas agora que é do meu jeito, é absolutamente delicioso!  
Linda: - Eu acho que você não gosta apenas de punir pessoas más, acho que está gostando de obter justiça pelas boas.

Ao ser interrogado de sua decisão de vir para Los Angeles, a terapeuta ouve do protagonista os signos que são propagados sobre a cidade americana: “o clima, estrelas pornográficas, a comida mexicana”. Desse modo, Los Angeles é mostrada como uma cidade do pecado, propícia às tentações, um lugar no qual o diabo teria todas as motivações para agir.

Por outro lado, a noite remete às trevas. Por isso, Lucifer se tornou empresário de um piano bar luxuoso. Nesse sentido, o período noturno surge para significar as angústias e os perigos, momento

em que os seres do mal encontram mulheres fatais disponíveis para o sexo e a luxúria, através de representações *vamp* da conquista e da sedução. Segundo Durand (2002), a hora final do dia, ou à meia-noite são traiçoeiras e perigosas, conforme dita o imaginário místico de muitas crenças: “é a hora dos pactos, das oferendas, em que os animais maléficicos e os monstros infernais se apossam dos corpos e das almas” (DURAND, 2002, p. 73).

Lucifer encontrou na cidade americana as razões para ficar, mas faz análise porque não se satisfaz apenas com a atmosfera de perdição do lugar; está cansado e quer entender por que desenvolveu empatia com o bem e com a justiça. No diálogo transcrito, observamos o recurso da ironia, que é adotado pelo protagonista para disfarçar seus reais sentimentos. Assim, o sentido literal das suas falas se inverte para dar lugar ao sentido figurado.

No primeiro episódio da Segunda Temporada, intitulado *Direto do Inferno*, outras abordagens reconfiguram as simbologias dos textos sagrados. A mãe de Lucifer, por exemplo, não é retratada na Bíblia, mas possui um papel importante na trama, ao insistir no retorno do filho para o Inferno, argumentando que lá é o seu lugar. Lucifer, por sua vez, culpa o pai (Deus) e a mãe Charlotte Richards (Tricia Helfer) por ter se tornado o diabo e o ser mais temido de todos os tempos.

No consultório da terapeuta, Lucifer revela que gostaria de ser visto de outro modo pela humanidade. Surge, então, um diabo “humano” e com crise de consciência. No trecho em destaque, ele ainda faz piada sobre a relação da sua mãe com Deus, o que talvez possa inquietar os espectadores religiosos:

Lucifer: - Em termos humanos, era uma vez um menino que conheceu uma menina e eles se apaixonaram. Eles transaram. O único problema era que eles eram seres celestiais, então, esse momento criou o universo.



Linda: - O *Big Bang*?

Lucifer: - Nunca soube o quão apropriado era o nome até agora, não é? Enfim, eles se tornaram mãe e pai. Eles tiveram um cesto cheio de filhos, incluindo o que vos fala. E construíram uma casa, que chamaram de Céu. Eles eram felizes. O papai era... bem, o papai [Expressa ironia]. E a mamãe... a mamãe era muito adorável no começo, mas as coisas mudam, não é? Papai começou a ir para a garagem e trabalhou num pequeno projeto que ele chamou de humanidade. A mamãe ficou fria, distante, e então ambos começaram a deixar a família de lado.

Linda: - E então um dos filhos começou a se rebelar.

Lucifer: - Isso. Então, o papai ficou chateado e me expulsou de casa.

Linda: - E o que sua mãe fez?

Lucifer: - Nada. Ela ficou parada e deixou acontecer. Enfim, alguns mil anos depois, o papai também a expulsou, a mandou para o Inferno e a colocou em uma cela. Então, eu fiz o mesmo que ela fez por mim. Nada!



**FIGURA 5:** Lucifer conversando com Linda sobre sua história familiar  
Fonte: *Frame* da série

Um diabo que faz análise é surpreendente, e ainda mais quando reclama do abandono familiar e da indiferença da mãe com o seu próprio destino. Uma indiferença que ele busca revidar na terra. Ou seja, há uma relação familiar movida por sentimentos de vingança, sugerindo que o mal poderia decorrer de questões como abandono



parental ou falta de união entre pais e filhos. Por isso, ele exclama exaltado: “- Estou cansado disso! Chega, chega!”. Charlotte, reagindo com ternura materna a esse desabafo, o consola, afirmando: “- Aí está o meu iluminado! Minha estrela da manhã!”.

A expressão “estrela da manhã” representa a glória alcançada. Significa, portanto, que o poder do seu filho brilha, ilumina e se destaca entre os outros seres. No entanto, na profecia bíblica de Isaías 14:12-14, Deus condena a estrela da manhã, porque a visão cristã a compara com a arrogância, em alusão ao diabo, que se achou superior e tentou roubar a glória divina, sendo condenado ao inferno. A passagem bíblica citada é uma referência à queda de satanás, aparecendo também na fala de um dos espectadores do grupo focal, conforme veremos na sequência.

## **O diabo entre nós? As reverberações da série**

A etapa empírica permitiu que os espectadores assistissem aos trechos da série, debatessem o conteúdo e respondessem a um roteiro composto por três perguntas. Suas falas são aqui resumidas. Na primeira questão, deveriam informar sobre as impressões a respeito do título da série.

O participante Fernando respondeu que o título remetia “ao demônio, ao Inferno e tudo de ruim que pode existir”. Beatriz justificou que o nome lhe remetia à “Estrela da Manhã”, mas não explicou o significado que, como mencionado, foi inserido na análise do episódio 5. Já Núbia se aprofundou na resposta, dizendo que o título se reporta ao personagem nomeado pelo próprio Deus: “é o nome do diabo, demônio e diversas outras nomeações dadas ao longo dos anos nas escrituras. Lucifer é, na verdade, seu nome de ‘catecismo’, originado por seu pai, que é Deus”.

Salviano explicou: “Diante do que nós aprendemos no contexto da religião, o nome da série nos remete ao diabo, que era um anjo e que foi retirado do céu por pecar contra Deus. No nosso imaginário surge o ‘inimigo’ de Deus que fez de tudo para destruir a terra”.

A participante Alanne lembrou que o nome Lucifer remete a “um ser astuto e ardiloso, com grande poder de convencimento, um ser malicioso e ruim”. Tomás disse que “a série retrata a vida do diabo de “férias” na terra. Daí o título”. Na opinião de Antônio, o título significa “um anjo caído do céu, que desafiou Deus em seu poder”. Pedro destacou que “o nome da série remete à simbologia cristã relacionada a satanás, o filho subjugado do Criador que foi banido do paraíso por desafiar seu próprio pai”.

No imaginário de Virgínia, o título alude à narrativa bíblica, “onde o anjo Lucifer rebela-se e decide que quer ser maior que Deus, e por isso é expulso, juntamente com outros anjos que o apoiam”. Para Jefferson, o nome se refere “aos valores cristãos, ao imaginário e ao pecado”. A participante Mirela apontou que o título da produção americana diz respeito “a uma entidade religiosa de vários nomes: demônio, satanás, etc”.

As impressões do grupo sobre o título atestam o que Chartier (2002) considera como a representação cultural do diabo, situando-a no plano de uma construção mística e coletiva, derivada da historicidade. Contudo, ainda que a trama e o protagonista façam alusão a um ser abominável, as suas ações mostram situações críveis próprias de uma trama policial e de suspense. Por essa razão, o título é colocado a favor dos objetivos da série, que satiriza e evidencia a performance do protagonista.

Na segunda questão, os participantes foram solicitados a indicar quais eram as simbologias e mitos cristãos presentes nos episó-

dios exibidos. Alanne ressaltou: “persuasão, cinismo, revolta, alguém astuto”. Já Tomás informou que “o diabo pode ouvir o lado oculto e os segredos dos seres humanos e trazer os seus medos à tona”. O participante Antônio identificou referências sobre “a história de Adão e Eva, um dos sete pecados capitais (mas não descreveu qual era), além do falso profeta”. O respondente enfatizou ainda o episódio sobre o padre, “que pede para as pessoas se arrependerem de seus pecados. O diabo surge como um vilão desnorteador de almas”.

Fernando lembrou “os anjos e as relações religiosas no contexto do cristianismo”. Beatriz enfatizou

a Bíblia, a questão da fé, Adão e Eva, o bem e o mal”. Para Núbia, “o diabo é conhecido como o ‘pai da mentira’, e em um dos episódios repudia o mentiroso. Ele conta sua história sobre ser o filho rebelde, o refutado pelo pai, assim como a Bíblia revela. Revoltado com o pai por dar atenção a outro projeto (a humanidade), e ao não aceitar sua revolta, o envia para o inferno, para viver castigando as pessoas.

Já o participante Salviano declarou que “no momento em que ele [*Lucifer*] é parado pelo policial, remete a uma teoria cristã quando fala sobre o oculto das pessoas e que elas contam as coisas secretas ao diabo”.

Segundo Pedro, *Lucifer* é “uma série de simbologias com o nome de Anjos e Arcanjos; assim aborda o mito que satanás sabe dos seus pensamentos mais íntimos de natureza desvirtuosa, como também da crença de que satanás tenta as pessoas todos os dias”. Virgínia defende que “a série fala, obviamente, sobre *Lucifer* e o relaciona com o diabo, nome dado aos anjos após a expulsão do céu. Também expõe uma narrativa sobre a criação do universo e da humanidade”.

O participante Jefferson identificou a simbologia “do diabo com chifres” na produção (especificamente nos momentos da metamorfose do protagonista), o que, segundo ele, aproxima a narrativa

das escrituras bíblicas. Já a participante Mirela não se ateu a essas representações, evidenciando mais a beleza do protagonista, “que é um diabo sem chifres e rabo, semelhante aos seres humanos, pois ele não domina o fogo, como é imaginado”. Assim, através dessas observações, foi possível constatar a predominância do imaginário cristão na decodificação dos símbolos da série, uma vez que a visão do diabo, compreendida pelos espectadores como um ser do mal coincide com os escritos sagrados.

Na terceira questão, o grupo foi indagado sobre a mensagem da série. Pedro respondeu que a produção americana transmite “uma mensagem humanizada de um dos maiores mitos da religiosidade universal, onde podemos perceber que o próprio Lucifer pode passar por problemas rotineiros, quebrando todo o estigma existente sobre o personagem”. Já a participante Virgínia registrou: “Pelo que vi, a partir dos trechos exibidos, a série pretende apresentar uma imagem do Diabo, chamado de Lucifer, humanizada. Um homem com sentimentos”. Para Jefferson, “passa uma mensagem de que qualquer um pode ser o “Diabo” diante das circunstâncias do momento”. Mirela propôs que a série “quebra os paradigmas referentes ao ser Lucifer. Desmitifica a versão horrenda conhecida por todos, e mostra seu lado da história, a sua verdade”.

A integrante Alanne argumentou:

como fomos criados em um ambiente cristão, sempre tivemos como referência que Lucifer fosse um ser maligno, ardiloso, cínico e que controlasse a mente de certas pessoas. Entretanto, na série ocorre o contrário, no que tange à imagem maligna. Mostra um Lucifer animado, alguém que nos encanta e nos prende na assiduidade de conferir cada episódio, fugindo ao arquétipo cristão que nos é imposto.

Tomás entendeu que a série transmite “uma mensagem de contradição, pois tem momentos que você acaba ‘torcendo’ pelo diabo”.

Na percepção de Antônio, a produção “tenta romantizar um ser que sempre quando é falado traz consigo muitas indagações, pois em alguns episódios, algumas pessoas se veem cometendo algo que não é tão celestial...”. Fernando, por sua vez, pensa que a série “transmite a importância da autorreflexão, levando a um conhecimento mais profundo sobre o eu interior das pessoas”. Beatriz considera que a produção americana “mostra a forma do diabo diferente da que é pregada nas Igrejas. Além do mais, com o passar das temporadas, o diabo entende o que é o amor e ser amado, além da importância das relações pessoais”.

No entendimento de Núbia, a série deixa a mensagem de “um lado mais humano do místico em torno da figura de Lucifer. Mas continua trazendo o lado sarcástico dele ligando ao pecado da luxúria e da bebida. A mensagem da figura continua, mas com uma abordagem diferente”. Segundo Salviano, “mostra que nós podemos ter um pensamento diferente do que a religião nos ensina, de que Lucifer é sempre o modelo do mal”.

As visões do grupo dão a ideia de que as manifestações da empatia do público podem decorrer, justamente, da curiosidade em torno do personagem-título e do hibridismo entre bondade e maldade que é atribuído a ele. Além disso, os padrões estéticos do protagonista impactam a audiência, porque não correspondem aos estereótipos cristãos. A ressignificação da imagem do diabo foi percebida por todos, uma vez que se vincula às estratégias de paródia sobre os arquétipos do mal e ao sarcasmo que caracteriza o personagem-título.

Em *Lucifer* são notabilizadas nuances de comédia que correspondem à paródia, pois, conforme clarifica Nogueira (2010), essa estrutura desvela as contradições dos discursos a partir das suas próprias premissas. Já a sátira produz um discurso crítico sobre os fatos

mostrados, enquanto a ironia faz divergir o sentido literal e o sentido figurado, afirmando algo que insinua o seu contrário. O sarcasmo, que aparece muito nas críticas de Lucifer sobre os mitos sagrados, é caracterizado também pela mordacidade, resultando num humor pontuado por interlocuções ferinas e desconcertantes.

Tais aspectos foram interpretados pelo grupo focal, o que nos leva a considerar que as interlocuções expandiram as observações dos episódios, corroborando o propósito da série, que é oferecer a construção da figura do diabo como um ser capaz de se “humanizar”. Em síntese, a mística sobre o personagem das trevas desperta o interesse inicial pela narrativa, impulsionando a curiosidade e instigando o acompanhamento da série, pois, no desenrolar da trama, outras questões e referências surgem para tratar o universo cristão de forma lúdica, atribuindo-lhe novas provocações e sugestões de sentidos. Nogueira (2010) sublinha que as narrativas que apelam à comédia e à sátira, em sua maioria, se referem a seres piores que nós, e somente isso já constitui motivos para o riso.

Quanto à complexidade narrativa (MITTEL, 2012), a série opta por uma estrutura não linear, impulsionada pelo realismo fantástico, artifício que produz associações da narrativa com imagens surreais que mobilizam a imaginação. As necessidades subjetivas da fantasia são, como vimos, influenciadas pelas simbologias religiosas e as crenças sociais delas derivadas. Dessa forma, o surrealismo da trama evoca sensibilidades preexistentes no imaginário cultural (DURAND, 2002).

As estratégias humorísticas mobilizadas na série para a implementação das paródias cristãs são assim sublinhadas: a) *agravamento*, quando as peripécias dos personagens se sucedem numa lógica de desconcertação crescente; b) *recrudescimento*, pois todos os conflitos

parecem definitivamente resolvidos em cada episódio, mas revelam desdobramentos ou acontecimentos inesperados nos episódios subsequentes; c) *descontextualização*, que retira ideias ou fatos do contexto a que se refere para expor novos significados; d) *imprevisto*, que desilude ou contraria as expectativas criadas para uma dada situação, trazendo como resultado narrativo a marca da perplexidade.

Todavia, a empatia decorre justamente das ambivalências apresentadas, uma vez que os espectadores passam a torcer por um mocinho tão belo e sedutor quanto calculista, letal e perigoso, embora aparentemente humano, cujo comportamento alterna docilidades e fraquezas; calmarias e explosões de sentimentos. A sedução de *Lucifer* produz catarse, diluindo o medo, o terror, a repulsa ou o choque que a sua figura diabólica provoca, quando é apresentada sem o disfarce da beleza humana. Mas até esses efeitos são contraditórios, porque promovem experiências emocionais e sensorialidades significativas que capturam a atenção para a trama.

## Considerações finais

Constatamos que a série *Lucifer* não reproduz cenários macabros comuns à dramaturgia de suspense, difundindo na TV um ser diabólico “reformulado” que contraria os estereótipos do imaginário cristão. Na série, o diabo é atraente, sedutor e cosmopolita. Os signos do poder e do fantástico se revelam nos superpoderes do protagonista, mobilizando as caracterizações próprias de sua metamorfose, quando assume a forma diabólica sugerida pela mística cristã. No contexto da produção ficcional, as múltiplas gêneses do protagonista e dos demais personagens do núcleo diabólico configuram paráfrases das referências religiosas que são facilmente de-

codificadas pelo público espectador, incluindo-se as críticas à sociedade e às ambivalências humanas.

Dessa forma, a complexidade narrativa se fortalece mediante a morfologia e a ontologia plural dos universos retratados em suas temporalidades reversas: tempos passados ou futuros, próximos ou distantes, mentais ou físicos, nos quais as imagens do inferno e da terra se misturam no desenrolar da trama para provocar reflexões sobre o bem e o mal. Ao propor uma nova ordem narrativa, apelando para as paródias dos arquétipos diabólicos, a série intensifica sua complexidade, inclusive no formato visual dos episódios, permitindo que a linguagem e a estética cinematográfica evoquem o tom sobrenatural através dos recursos de fabulação. Nessa perspectiva, as leis do mundo real e as suas premissas são quebradas pela ficção e um novo regime narrativo de causalidade é instaurado para favorecer o desdobramento dos episódios nos quais as proezas do protagonista ressoam os dilemas e as questões do tempo presente.

Por fim, enfatiza Nogueira (2010) que utopias e distopias, medos e quimeras, paraísos e apocalipses, criação e destruição são dimensões recorrentes no universo ficcional, onde monstros e heróis se enfrentam e se refazem para capturar a nossa atenção. Durante séculos, a religião ou a magia dominaram os discursos de previsão do mundo, sustentando as expectativas e crenças no que está para vir, influenciando posturas e pensamentos de diferentes grupos sociais ao longo dos tempos.

Na sociedade contemporânea, as séries se tornaram um gênero privilegiado de especulação do futuro da humanidade a partir de personagens fantásticos e suas aventuras metafóricas. Nos artifícios narrativos de *Lucifer* a figura controversa do mal surge como pretexto de reflexão sobre as tentações sofridas pela humanidade nas suas



trajetórias cotidianas. Ao evidenciar a figura do diabo, a produção contraria a versão católica sobre o sobrenatural, sem demonizar, literalmente, as ações do personagem. Tal inversão é significativa porque reinventa e repercute os valores distorcidos, bem como as mazelas de um mundo social que o protagonista traduz com bom humor, sagacidade e competência.

### ***“Lord of darkness” parodies: Lucifer series symbolic and archetypic reinventions***

#### **Abstract**

*The text presents the results of a research that analyzed the First and Second Seasons of the American series Lucifer, directed by Len Wiseman and written by Tom Kapinos. The objective was to understand the symbols and archetypes around the devil disseminated in the cultural imagination (Durand, 2002) through popular representations (Charterer, 2002). From a methodological point of view, the realization of a Focus Group (COSTA, 2005) expanded the impressions obtained in the Narrative Analysis (MOTTA, 2013) in order to assess the viewers’ perception of the Christian myths reproduced in the series. Observation of the episodes signaled that the image of the devil is deconstructed by parodies and humorous paraphrases (NOGUEIRA, 2010), in which sarcasm and ironic bias accentuate narrative complexity (MITTEL, 2012). As for aesthetic appropriation, the protagonist appears as a beautiful being, endowed with a sensitive personality, contrary to the signs and stereotypes common to cultural identifications (HALL, 2004) related to the devil. These devices corroborate a nonlinear narrative process that shuffles the characteristics of villainy and imparts charisma to the antihero. In this sense, the series subverts the shared social codes about the figure of the devil by appealing to the contradictory sensoriality of the fiction genre, both in the discursive and the imagetic bias.*

**Keywords:** Serial fiction. Narrative Complexity. Cultural Imaginary. Spoofs

#### **Referências**

CHARTIER, Roger. **A História cultural:** entre práticas e representações. 2ª ed. Lisboa: Difel, 2002.

COSTA, Maria Eugênia Belczac. Grupo focal. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERRAZ, Salma. As bem-aventuranças nas versões de Borges, de Machado de Assis, da Bíblia satânica de Anton Lavey e na versão ao mestre com carinho. In: MAGALHÃES, Antonio Carlos. *et al.* (Org). **O demoníaco na literatura** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MAGALHÃES, Antonio Carlos *et al.* (Org). **O demoníaco na literatura** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica. Entrevistador: Maria Immacolata Vassallo de Lopes. **Matrizes**. São Paulo, v.2, n.2, jul./dez. 2009.

MITTEL, Jason. Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea. **Matrizes**. São Paulo: Ano 5, nº 2 jan./jun. 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UNB, 2013.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de Cinema II: gêneros cinematográficos**. Covilhã: LabCom Books, 2010.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro, Zahar editores, 2003.

Data de submissão: 03/10/2019

Data de aceite: 24/10/2019